

Embaixada del-rei D. Manuel ao Preste João das Indias — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Não é para aqui agora, inquirir d'onde veiu a Portugal a fabula da existencia de um grande imperio na India, governado por um principe christão, neto da rainha Sabbá. Está por escrever esta singular historia, apesar do muito que a tal respeito discorrem todos os historiadores das nossas conquistas e descobrimentos. Póde ser que ainda façamos essa tentativa.

O que muitos d'elles dizem, é que o empenho que tivera D. João II de saber se com effeito existia o Preste João, fôra origem de descobrirmos a India. Tão certo é que de insignificantes principios nascem grandes successos!

De todos os auctores nacionaes e estranhos que sobre esta viagem escreveram, preferimos o padre Francisco Alvares, de cujo rarissimo livro copiámos a estampa que hoje publicâmos.

Era, este padre, capellão del-rei D. Manuel, e foi por elle escolhido para acompanhar a embaixada que el-rei mandou ao Preste João, em troca da que este lhe enviou pelo armenio Matheus, que regressou á Ethiopia n'esta mesma frota, a qual largou do porto de Lisboa a 7 de abril de 1515.

O embaixador eleito para tão fallada missão foi o chronista-mór do reino, Duarte Galvão, já afamado por outras embaixadas do mesmo soberano a Roma, Allemanha e França. Mas fallecendo este no mar Roxo, foi em Goa nomeado para o substituir D. Rodrigo de Lima, indo sempre o capellão Francisco Alvares. Chegaram no fim d'aquelle mez a Maçuá, ilha do mar Roxo, e d'alli partiram para Arquico onde estava o Preste, que os recebeu magnificamente.

Nas terras do Preste João andou Francisco Alvares seis annos, convertendo e doutrinando aquella gente, que posto fosse christã parte d'ella, estava inçada de superstições e praticas de diversos ritos.

Resolvendo o Preste mandar uma embaixada de agradecimento ao rei de Portugal, e d'aqui a Roma, dar obediencia ao papa, escolheu para esta enviatura um monge abexim, chamado Zagazá, que o padre Francisco Alvares tinha baptisado. Com elle chegou ao reino em 24 de julho de 1527, reinando já D. João III. Acompanhou tambem o embaixador da Ethiopia a Roma, e regressando a Lisboa, n'esta cidade publicou, em folio gothico, a *Verdadeira informaçam das terras do Preste Joam, segundo viu e escreveu, etc.*

Antes, porém, de darmos o summario d'este livro, é indispensavel, para melhor o entender, referirmos as circunstancias que precederam a embaixada, coisa que o auctor não fez.

Para este effeito escolhemos escriptor coevo, e de credito. É este Gaspar Corrêa, o Tacito dos nossos chronistas da India, pela verdade e desassombro com que falla dos homens e das coisas, nas suas *Lendas*,

em grande parte ainda inéditas, como já tivemos occasião de mencionar n'outro numero.

Recapitularemos o que elle diz a este respeito, porque além de ser mui extenso é confuso, é ás vezes difficil de entender.

Reinando el-rei D. João, o segundo d'este nome, no anno de 1428 veiu a Portugal o rei de Benim, cafre de nação, e se fez christão com muitos dos seus. D'estes tomou D. João II muita informação da India e das coisas d'ella, que desejava saber com certeza. Soube que era rei d'ella o Preste João, e que era christão e senhor de grande riqueza.

Estas informações fizeram *tamanha impressão no coração a el-rei, que tomou entranhavel vontade de mandar saber e descobrir a India;* pelo que, pondo em effeito seu desejo, logo no dito anno, *em seu segredo,* enviou dois moços de estribeira seus, que muitas terras sabiam, e tinham andado por muitas partes, pelo que sabiam muitas linguas, aos quaes encommendou que fosse cada um por onde Deus lhe désse vontade, e trabalhassem por saberem da India e passassem lá, e soubessem do Preste João que coisa era, e de tudo lhe trouxessem informação. E se o houvesse, trabalhassem pelo ver e fallar com elle, visitando-o da sua parte, dando-lhe conta do grande desejo que tinha de o conhecer e conversar, e com elle ter amizade para todo o bom serviço de Nosso Senhor, promettendo-lhe por seu trabalho grossas mercês; e que em quanto n'este serviço andassem, teria cuidado da mantença de suas mulheres e filhos; dando-lhes alvarás de lembrança das mercês que lhes promettia tornando vivos, ou a seus filhos e mulheres, se elles no dito serviço morressem. E a cada um mandou dar uma pasta de latão com medalhas, e n'ellas tres letreiros talhados em todas as linguas, que diziam: *El-Rey Dom João de Portugal, irmão dos Reys Christãos,* para que as mostrassem ao Preste João, e a quem lhes bem parecesse.

Conta depois Gaspar Corrêa, que um d'estes moços da estrebaria era canarim, chamado Gonçalo de Pavia, que fallava castelhano; e o outro Pero da Covilhã, por ser natural d'aquella terra; a cada um dos quaes dera el-rei algumas *pedrinhas* de preço, que vendessem para seu gasto.

Segue dizendo que ambos tomaram o caminho de Veneza, e nas galés de peregrinos, em trajos desconhecidos, passaram á Turquia, e foram á Alexandria, com uns mercadores, em cuja companhia se metteram, servindo-os por soldada, e nas suas cafilas passaram a Meca, onde se aconselharam ambos e se apartaram.

Gonçalo de Pavia fez caminho para a India, foi ter a Calecut, correu toda a costa até Cambaia, em companhia de um judeu mercador, com o qual se tornou a Ormuz, onde falleceu. Sentiu o judeu muito a morte de Gonçalo, e lhe prometteu que trabalharia para vir a Portugal dar conta a el-rei das coisas que elle queria saber, e por testimunho de verdade lhe traria a chapa. Com o engodo das alviçaras que o rei de certo lhe daria, cumpriu o hebreu a sua palavra, mas quando chegou a Portugal tinha fallecido D. João II, e eram já partidas as naus para o descobrimento da India.

Pero da Covilhã, saindo de Meca, tomou o caminho do Egypto pela beira-mar, e correndo muitas terras, foi ter ás do Preste, e dirigindo-se para onde elle estava, lhe fallou e deu o recado de el-rei de Portugal. O Preste houve d'isto grande contentamento, e leu a chapa que era em caldeu, sua lingua, dando-lhe muito credito, porque elle e seus antepassados tinham informação, d'ouvida, dos grandes reis que havia na christandade, e ás vezes mandava visitar Jerusalem, e o papa em Roma: pelo que sempre tivera muitos desejos de saber d'elles e os conversar. Por isso fez grandes mercês a Pero da Covilhã, e lhe deu terras e senhorios como conde, com muitos vassallos e rendas, que elle não queria acceitar, para vir logo dar conta do seu recado a D. João II. Mas o Preste pediu-lhe que ficasse por não morrer no caminho ou se perder; que elle mandaria um criado seu a Roma, e de lá a Portugal, e que entretanto viria outro seu companheiro, e não vindo, então faria o que cumprisse. Ainda porfiou Pero da Covilhã, mas o Preste não consentiu que elle partisse, e lá se ficou, sendo ainda vivo ao tempo que alli chegou o embaixador D. Rodrigo de Lima, em 1520.

Cumpriu o Preste João a sua palavra, porque no anno 1512, estando em Goa o famoso governador da India Affonso de Albuquerque, lhe veiu aviso do xeque de Chaul, dizendo que tinha alli chegado um mercador que dizia ser mandado pelo Preste João da Ethiopia, com recado a elle governador; que não sabia se era assim, e que o tinha preso por lhe dizerem outros mercadores que era mau homem. Affonso de Albuquerque, com tal nova, como era grandioso em suas coisas, e de pequenas as queria sempre fazer grandes, mostrou bem o seu alvoroço, mandando logo agradecimentos ao xeque, e a Diogo Fernandes de Beja que fosse n'uma galé fallar ao tal mercador, e se achasse que era como dizia, o trouxesse com muita honra. Chegando a Chaul, Diogo Fernandes perguntou ao preso quem o mandava e que recado trazia. Respondeu elle que vinha ao governador da India mandado pelo Preste João, que o levasse a Goa e elle diria ao governador seu recado: que se fosse falso como diziam os que o tinham prendido, o governador lhe daria o castigo que quizesse. Então Diogo Fernandes o recolheu, e fez com que o xeque restituisse quanto lhe tinha tomado, levando-o a Goa, em cuja barra Affonso de Albuquerque o mandou entrar com a galé embandeirada e salvas de artilheria, indo ao caes o capitão com muitos fidalgos a receber este embaixador, levando-o ás casas do Sabayo onde o governador estava aposentado, o qual o recebeu com muitas honras, e o hospedou nas mesmas casas.

Era homem branco, de boa presença, e dos seus cincoenta annos. Trazia duas mulheres de bom parecer, e oito criados.

Diogo Fernandes deu conta ao governador de que soubera pelo embaixador, que a rainha Helena, mãe do Preste João, por informações que tomára dos mercadores que passavam pelo Egypto, que é conjunto ás terras do Preste, e pelos do Cairo tambem, que havia muitos reis christãos, e que alguns iam á santa casa de Jerusalem, pelo que deu muito credito ao que lhe contára Pero da Covilhã, alli mandado por D. João II. Esta rainha, desejosa ou curiosa de saber tudo com verdade, fallára áquelle homem, que era mercador, seu natural, e de sua confiança, para que fosse á India verificar o que lhe diziam. Deu-lhe uma terra, perto do mar, em que deixasse toda a sua familia, e lhe poz nome de Matheus; dando-lhe, fechada e pregada, uma bocetinha de prata, e dentro outra de oiro, onde ia um pedacinho do lenho da vera cruz, recommendando-lhe que, se se visse em poder de inimigos, que lh'a quizessem tirar, antes a deitasse no fogo ou no mar, e morresse pela defender, e que a não entregasse senão ao rei de Portugal, com a carta que levava. Deu-lhe para isto a rainha muito oiro, e mais uma carta para o governador del-rei de Portugal na India lhe dar embarcação que o transportasse ao reino.

Este tal Matheus era moiro, mas fez-se christão a rogo da rainha, para esta viagem, em recompensa da qual lhe prometteu fazel-o grande senhor, quan-

do voltasse com a resposta. Foi baptisado n'um mosteiro chamado Bysão, onde deixou a familia.

Eis aqui a succinta biographia do embaixador da Ethiopia.

Affonso de Albuquerque, recebendo a carta da rainha Helena, ficou muito ufano, e jubilando por no seu tempo vir mensagem tão desejada dos reis de Portugal, qual era a do Preste João, *coisa tão nomeada pelo mundo, e nunca até então sabida*. Por isso visitava muitas vezes o embaixador, e fallava longamente com elle, achando-o sempre em verdade. Desejoso de saber que era o presente que levava, o embaixador lhe mostrou a bocetinha, dizendo que aquillo lhe dera a rainha para apresentar a el-rei de Portugal, mas não sabia o que era. Pareceu a Affonso de Albuquerque, que uma coisa que mandava tão grande rei a outro rei, não podia deixar de ser alguma pedra preciosa de grande valor, ou por ventura o santo lenho da vera cruz, que haveria da casa de Jerusalem. *E isto lhe caiu tanto no coração, que em si o affirmou*, por algumas palavras que tirou do embaixador. Ao qual embarcou em uma nau em que ia Bernaldim Freire, dando-lhe a camara do leme, em que bem cabia com suas mulheres e criados. Os moiros de Cananor tiveram muito pesar de ver que ia a Portugal embaixador do Preste João; murmurando dos portuguezes, dizendo que eram homens de pouco saber, que os enganava um moiro com falso nome de christão, que se fazia embaixador do Preste João, coisa falsa, porque o Preste estava mettido nas suas terras, e não sabia o que era gente no mundo.

Com isto, os officiaes da nau iam suppondo que levavam um embaixador fingido; e no mar alto o metteram em ferros, deram-lhe muito bofetão, e até lhe depennaram as barbas, como refere Gaspar Corrêa, dizendo-lhe que era truão, falso, espia do turco, e que Affonso de Albuquerque o não soubera conhecer.

Chegando a Lisboa, isto affirmaram a el-rei D. Manuel; mas este, vendo a carta do Preste e a boceta com o santo lenho, ouvindo os aggravos do embaixador, deu ordem para que se prendessem os capitães, mas elles, muito a tempo, fugiram para Castella. Mandou o soberano que lhes confiscassem os bens para dar ao embaixador, mas este não os quiz acceitar, dizendo que os capitães lhe não tinham feito mal nem deshonra; e que só queria que el-rei o estimasse como cumpria o seu estado.

Com a resposta a esta embaixada do Preste, é que foi Duarte Galvão para a Ethiopia, levando em troco da boceta do santo lenho o seguinte presente, que importou em muitos mil cruzados.

Eis o rol que d'elle nos dá Gaspar Corrêa:

Uma cama para a sua pessoa, com paramentos de pannos de Flandres de fina verdura, para paramentar a camara, de seda e oiro, e sobreceo do mesmo teor, com corrediças de tafetá azul e amarello; cobertor de damasco da mesma côr, entretalhado de velludo preto atorcelado de oiro; dois colchões de Hollanda e seus lençoes, colcha branca de muitos lavores, travesseiro e almofadas de lavores de oiro, tudo riquissimo.

Mais uma cadeira guarnecida de brocado raso, e cravação de prata, com dois coxins do mesmo teor. Um estoque guarnecido de oiro de esmalte, seis almofadas de camilha de setins avelludados de um lado, e do outro raso de varias côres. Uma mesa de estado, de peças marchetadas em Flandres, com um panno de fina verdura de oiro e seda, tambem feito em Flandres, o qual cobria a mesa toda. Tres esquipações de toalhas de mesa, guardanapos e toalhas de mãos. Fruteiros e tudo mais para o serviço da mesa era de oiro.

Dois vestidos inteiros, quanto é necessario para vestir um homem da camisa até á capa; um d'elles de panno fino forrado de seda e oiro, o outro de panno de brocado e seda, com rica opa e forros de marta. Uma rica espada e cintas para a trazer; um arnez branco doirado por partes, com seu elmo e grande penacho de argentaria de oiro, e umas couraças postas em brocado rico, e as laminas doiradas com guarnição de oiro de esmalte. Uma saia de malha com as franjas de oiro, um capacete rico, forradas as bordas de chapa de oiro anilado.

Uma sella de brida de velludo carmezim com suas retrancas e franjas, tudo atorcelado com fio de oiro. Duas rodellas de Flandres doiradas com embraçamentos de brocado, e vinte lanças de ferros doirados.

Um pontifical de missa, de brocado raso, frontal, capa, vestimentas, e toda a prata necessaria para serviço do altar, custodia, tudo doirado, até a campainha e caixa dos corporaes. Dois livros de rezar, um illuminado com ricas brochas de esmalte, e o outro chão. Um retabulo de portas, da grandeza do altar, com o crucifixo e a saudação de Nossa Senhora. Quatro pannos de armar, de Flandres, de seda e oiro, representando a historia do nascimento de Nossa Senhora e a *Salvè Regina*.

Todo este presente ia muito enfardelado, e entregue ao embaixador Duarte Galvão, que levava seu escrivão e vinte homens de serviço, mui sabidos em todas as artes de armas, e musicos de tangeres e fallas, assim como todos os officiaes mechanicos.

Antes de referirmos o que se passou na Abyssinia, depois da chegada e estada do nosso embaixador, bom é que o leitor saiba que terra era aquella, dos seus usos e costumes, o que tudo resume o nosso Francisco Alvares, capellão da embaixada, nas seguintes —

Perguntas que o sr. D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga Primaz fez a Francisco Alvares capellão de el-rei nosso senhor, d'algumas coisas particulares da terra do Preste João, alem das que o dito Francisco Alvares tem escripto em seu livro.

«O qual Francisco Alvares foi ao dito Preste em companhia de D. Rodrigo de Lima, que ia por embaixador ao dito Preste, pelo fallecimento de Duarte Galvão, embaixador que el-rei D. Manuel, que santa gloria haja, mandava lá: os quaes chegaram ao porto de Macua, ilha no mar Roxo, junto do logar de Arquico, terra do Preste; aos 27 dias de abril de 1520. Andaram seis annos na dita terra e senhorios do Preste, e tornaram a embarcar no dito porto de Macua, junto de Arquico, no anno de 1526, em abril, aos 28 d'elle. O qual Francisco Alvares veiu a esta cidade de Braga a se confirmar em o beneficio que lhe el-rei nosso senhor deu. Esteve n'ella alguns dias, onde chegou aos 30 de julho do anno de 1529.

Disse que commummente não come toda a gente senão sómente uma vez no dia, e esta é á noite; e jejuam na quaresma religiosos e clerigos estreitamente, de maneira que muitos na semana não comem mais de tres vezes, terça, quinta, sabbado. Não bebem vinho de uvas nem de mel, bebem outras beberagens que se fazem de outros legumes.

Na quaresma não comem carne, nem leite, nem ovos, nem manteiga, ainda que estejam para morrer; comem legumes e algumas poucas frutas que ahi ha. E todas as quartas feiras e sextas do anno jejuam todos os homens e mulheres, grandes e pequenos; isto se não entende do Natal até á Purificação de Nossa Senhora, nem da Paschoa da resurreição até á Trindade que não ha jejum. Frades, clerigos e homens fidalgos e nobres jejuam toda a semana, tirando sabbado e domingo.

Disse que nenhuns homens morriam por justiça; que a muitos açoitavam, a alguns tiravam os olhos, e a outros cortavam mão e pé, segundo a qualidade

do crime; porém, que elle vira queimar um homem porque fôra achado em dois furtos na egreja.

Que o papa, ou patriarcha da terra do Preste João se chama abuna, que quer dizer padre, e não ha ahi outro nenhum em todos os reinos e senhorios do Preste, que dê ordens senão aquelle.

O Preste João se chama Acegue, que quer dizer imperador; e se chama Neguz, que quer dizer rei. Não ha maneira de physica, sómente põem fogo; em alguma doença põem ventosas sem fogo, e para dor de cabeça sangram na testa com uma faca posta na veia. E dão-lhe com um pau em cima para que tire sangue; porém tomam algumas hervas em beberagem para sararem.

Em toda a terra não ha logar que passe de mil e seiscentos visinhos, e d'estes poucos: e nenhum logar cercado, nem castello; aldeias sem conto, as casas communmente, ou as demais, são redondas e todas terreas, cobertas de terrados ou de palha, curraes de redor.

Dormem o geral em coiros de bois, outros em leitos de correias dos mesmos coiros; nenhuma maneira de mesa. Comem em umas gamellas chans como bandejas, de mui grande largura, sem toalhas nem guardanapos. Tem bacios de barro muito preto como azeviche, e pucaros do mesmo barro, por que bebem agua e vinho. Muitos comem carne crua, e outros assada nas brazas, e outros sobre a lenha, e sobre bosta de bois onde não ha lenha. Ha muita cera e velas e candêas d'ella, não fazem candêas de sebo, não ha alli azeite senão um a que chamam hena, e é de umas hervas que parecem pampillos, não sabe a nada, e é formoso como oiro; não ha alli pescado senão muito pouco de rios, do mar nenhum.

Não ha mosteiros senão de Santo Antão, e não de nenhuma outra ordem como dizem alguns frades que de lá vem. Fidalgos e religiosos, conegos e clerigos andam vestidos a de mais da outra gente, nus da cintura para cima, e uma pelle de carneiro pelo hombro, atada do pé á mão.

E os mais dos mosteiros são postos em montes altos ou grandes funduras; tem grandes rendas e jurisdicções. Em muitos mosteiros não comem carne todo o anno, e pescado mui poucas vezes, pelo não haver na terra. O rezar d'estes mosteiros são salmos e prosas, assim se faz nas egrejas de conegos. Toda a egreja tem duas cortinas, uma áquem do altar com campainhas, e d'esta cortina para dentro não entram senão sacerdotes, e outra cortina no meio da egreja. E na egreja não entra senão pessoa de ordens. E muitos fidalgos e pessoas honradas se ordenam por entrarem na egreja. E á porta de todas as egrejas e mosteiros vão dizer as epistolas e evangelhos, e os dizem acceleradamente, e ahi dão communhão ao povo.

Os sacerdotes consagram no altar, e não mostram o sacramento. Quando vem a commungar, o clerigo que diz a missa toma a particula pequena, que de cima parte, e as outras duas partes grandes deixa para commungar o povo. Toda a gente que vem á egreja ha de commungar cada dia, ou não vir á egreja. E acabada a communhão lhes dão uma pouca de agua benta, com que lavam a bocca.

Nenhuma pessoa se assenta na egreja, nem entram calçados, nem escarram, nem cospem, nem deixam entrar nenhum cão, nem outra alimaria na egreja; e confessam-se em pé, e assim recebem a absolvição. E nas egrejas, os conegos assim rezam como nas dos frades. Os frades não casam, os conegos e clerigos sim. E quando vivem juntamente os conegos em circuito, comem em suas casas, e os frades em communidade: e os maioraes d'estas egrejas se chamam licacanates, e as mulheres dos conegos tem casas fóra do circuito, onde elles vão estar com ellas; e o filho do conego fica conego, e do clerigo não, senão se depois se quer fazer. Não se paga dizimo a nenhuma egreja; vivem das grandes propriedades que as egrejas e mosteiros tem. Demandas dos clerigos tratam-se perante a justiça secular. A vestimenta é feita como camisa, e a estola furada pelo meio e mettida pela cabeça; não ha ahi manipulo nem amicto nem cinta; clerigos e frades todos trazem as cabeças rapadas e as barbas não. Os frades dizem a missa com o capello na cabeça, e os clerigos com a cabeça descoberta. Em nenhuma egreja não se diz mais de uma missa, e não se diz missa de esmola nem por mortos; quando se fina alguma pessoa, vem os clerigos com cruz e agua benta e incenso, e rezam-lhe certas orações, e levam-no a enterrar muito depressa. Ao outro dia levam offertas. Os adros todos são cerrados que nenhuma coisa entra com elles.

O Preste João não tem logar determinado para estar, anda sempre no campo com tendas, e sempre terá no seu arraial cinco e seis tendas, entre boas e communaes, e somenes gente de cavallo, e de mulas haverá sempre na côrte de cincoenta mil (?) para cima.

A cozinha do Preste João está um bom tiro de bésta atraz do seu aposentamento, e trazem de comer d'esta maneira: tudo o que ha de comer vem em escudelas e panellas de barro, muito prompto em gamellas de pau; sobre os pagens que as trazem vem um pallio de seda que os cobre, de maneira que vem reverenciadas estas iguarias.

Ha muitos reguengos do Preste, em que se colhe grande somma de pão, o qual se dá a pessoas honradas e pobres, e mosteiros e egrejas pobres, sem o Preste João se aproveitar nada do proveito das rendas d'estes reguengos, sómente esmolas.

«Em toda a terra ha muito pão, trigo e cevada; em outras terras ha mais milho que trigo, nem cevada; em estas, e onde algum tanto fallece trigo e cevada, ha muito tafo e aguça, sementes a nós não conhecidas, grãos, favas, feijões, chicharos, e de todos os legumes; e em outras terras de toda a semente e legumes em grande fartura e abastança. Nascem muitas aguas, mas não ha nenhuma fonte feita de pedra. E no logar de Aquajumo, onde foram as rainhas Sabá e Candacia, ha ahi muitos poços e tanques lavrados de boa cantaria.

No logar de Aquajumo ha imagens muito bem lavradas, e figuras de leões, e cães, e bois, e de outras antigualhas feitas de pedras. E n'este logar se fez christã a rainha Candacia, por conselho de um seu eunucho, que S. Filippe baptisou por instincto do Espirito Santo.

Em toda esta terra não ha ahi ponte de pedra nem de pau; em nenhuma parte dos reinos e senhorios do Preste João não ha judeus; ha infindas canas de assucar, e não o sabem fazer; ha na terra uvas, pecegos, que são maduros no mez de fevereiro, e acabam em abril; muitas laranjas, e limões, e cidras, e pouca hortaliça, porque a não plantam. Alimarias, a saber: leões, onças, tigres, lobos, veados, antas, vaccas bravas, rapozas, lobos cervaes, porcos monfezes, porcos espinhos, gatos d'algalia, corças, gazellas, elephantes, e outras alimarias a nós não conhecidas é a terra cheia, salvo duas que nunca lá viu, a saber, ursos nem coelhos.

Aves, perdizes de tres feições como as nossas, outras gallinhas que chamâmos de Guiné lá se chamam zegras; codornizes, pombas, rolas, falcões, gaviões, aguias reaes, tordos, pardaes, andorinhas, rouxinoes, cotovias, patas bravas, adens, marrecas, e outras ribeirinhas, garças, grous, emas, e todas as outras aves que no mundo podem ser, e a nós não conhecidas, todas ha n'esta terra, salvo pêgas e cucos,

que nunca viu nem ouviu dizer havel-os ahi. Ha alli tantos bugios que no reino de Barnagais, em um concelho que se chama Ceroel, no tempo dos pães maduros os correm até lhes fazerem passar uma serra. Em um passo, de dia, os guardam, porque elles de noite não andam, e dão certo pão a dois homens que os guardam, até o pão ser colhido, que os tornam a soltar ou deixam de os guardar.

Ha alli muito mangericão pelos mattos, e não ha arvore das nossas senão acipreste, ameixieiros e salgueiros pelas ribeiras; não ha melões, pepinos nem rabãos.

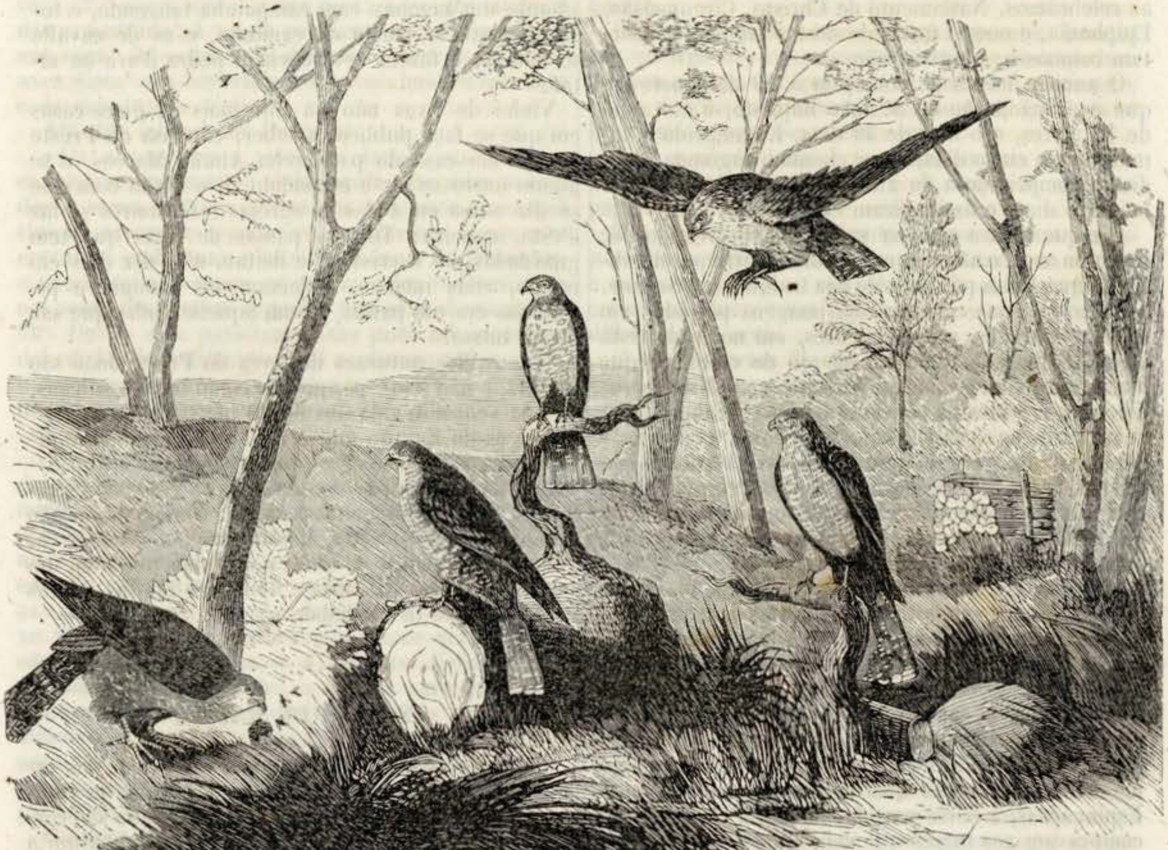
Na terra não ha moeda de oiro nem de prata, e as compras fazem-se em trocas de umas coisas por outras, principalmente sal, que corre em toda a terra por moeda.

Ha linho mas não de febra, nem se faz panno d'elle. Ha muito algodão e pannos d'elle; ha muito panno de côr; ha alli uma terra muito fria em que vestem burel. As egrejas de lá são bem edificadas, mas as paredes não são bem obradas, e não armam nada sobre ellas; mas sobre esteios altos que vão do chão até acima.

Na terra ha oiro e prata, cobre, estanho, e não o sabem tirar das minas.

Ha muitos gafos n'esta terra, e não vivem apartados da gente, vivem todos juntos; ha ahi muitas pessoas que por sua devoção os lavam, e curam suas chagas com suas mãos.

Ha muita quantidade de mel em toda a terra, e as colmêas não estão em colmeal, estão dentro nas casas onde vivem os lavradores, encostadas á parede



Açor — Gavião — Francelho — Aguia grisalha de França — Milhafre da Africa

da parte de dentro, por onde tem serventia para fóra; e assim de dentro cercam a casa; mas nem por isso deixam de morar na casa, porque as abelhas servem para fóra, e ha ahi grande numero d'estas colmêas, e principalmente nos mosteiros; assim ha ahi muitas abelhas pelos bosques e pelos montes, e os homens põem cortiços pelas arvores, que enchem-se d'abelhas, e trazem-n'os para casa.

Porquanto se não assenta nenhuma pessoa nas egrejas, á porta d'ellas, da parte de fóra, dentro no circuito, estão sempre grande numero de cajados de travessa, com taboa ou moleta de aleijado, e cada um toma seu cajado, e se encosta sobre elle em quanto estão aos officios na egreja. Nas egrejas ha muitas imagens pintadas pelas paredes, imagens de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dos apostolos e patriarchas, prophetas e anjos, e em todas as egrejas S. Jorge. Não tem imagens de vulto. Muitos livros nas egrejas escriptos todos em pergaminho, porque não ha alli papel, e a escriptura em lingua tigia, que é a da primeira terra em que se começou.

Na terra não costumam escrever uns aos outros, nem os officiaes da justiça escrevem nada; toda a justiça que se faz, e o que se manda é por mensageiros e palavra. Sómente o escrivão da fazenda do Preste João viu escrever ao entregar e receber.

Na terra haveria muitas frutas e muitas sementeiras, se os grandes não tratassem mal o povo, que lhe tomam o que tem, e elles não querem mais aproveitar do que hão mister e lhes é necessario.

Em nenhuma parte ha carnicerias senão em côrte, e nenhuma pessoa do povo póde matar vacca (posto que sua seja) sem licença do senhor da terra. Diz o povo pouca verdade, ainda que dê juramento, se não juram pela cabeça del-rei. Temem muito a excommunhão, e se lhes mandam que façam alguma coisa que seja em seu prejuizo, fazem-n'a com medo da excommunhão. O juramento se dá n'esta manei-

ra: vão-se á porta da egreja com dois clerigos, e tem ahi incenso e brazas, e o que ha de jurar põe as mãos na porta da egreja, e um dos clerigos diz ao do juramento que diga verdade, e que se jurar falso, assim como o leão traga a preza no bosque, assim seja a sua alma tragada do diabo; e assim cómo o trigo é quebrado entre as pedras, assim os seus ossos sejam moidos dos diabos. E o que jura, a cada uma coisa responde *Amen*. E assim como o fogo queima a lenha, assim a tua alma seja queimada no fogo do inferno e feita pó, e dize *Amen*: e isto se tu verdade nos disseres, dize *Amen*. E se tu verdade disseres, a tua vida seja com honra alongada, e a tua alma em paraiso com os bemaventurados, dize *Amen*. E isto acabado dá seu testimunho.

Diz que as festas moveis, Paschoa, Ascensão, Espirito Santo, se celebram nos proprios dias que nós as celebrâmos. Nascimento de Christo, Circumcisão, Epiphania, e outras festas de santos tambem concertam comnosco, e outras não.

O anno e mezes se começam a 29 de agosto em que é a degollação de S. João Baptista, e é o anno de 12 mezes, e o mez de 30 dias. E cumprido o anno sobejam cinco dias, a que chamam pagomen, quer dizer, comprimento do anno. E o anno bissexto sobejam 6 dias, e assim ficam comnosco.

Diz que toda a semana santa andam vestidos de preto ou azul, e não fallam um com o outro por dó, dizendo que Judas por beijo de paz trahiu a seu Senhor.

Posto que nas egrejas haja imagens pintadas em todas as paredes, e assim cruzes, em nenhuma está crucifixo pintado, nem no ha ahi de vulto, porque dizem que não são merecedores de ver Christo crucificado. E todos os clerigos, frades e senhores trazem cruzes nas mãos, assim a pé como a cavallo; e os leigos do povo e gente mais baixa trazem pequenas cruzes ao pescoço. Todo o clerigo ou frade traz um corninho de cobre com agua benta; e os hospedes onde chegam lhe pedem agua e benção, e elles lh'a dão. Antes que comam lançam gotas d'agua no comer, e assim nas vasilhas de beber.

Suas armas são azagaias, espadas poucas, sáias de malha poucas, compridas e estreitas: dizem os nossos portuguezes que não são de boa malha.

Ha alli muitos arcos e frechas, não tem pennas como as nossas; capacetes e cascos ha muito poucos, e os que ha são depois que conversam com os portuguezes. Ha muitas adagas e fortes, não ha nenhuma bombarda, senão dois berços que nós levámos. Espingardas, á nossa partida, havia na corte 24, que compravam aos turcos que vem alli tratar. Mandava o Preste dar por ellas quanto lhe pediam, e mandava ensinar homens a atirar.

Ha trombetas e não boas, ha muitos atabales de cobre que vem do Cairo, e outros de pau que tem couro de ambas as partes. Ha pandeiros como os nossos, e bacias grandes com que tangem. Ha flautas, e uns instrumentos de cordas quadradas, como harpas, a que elles chamam: David moçanquo, quer dizer: harpa de David. Estes tangem ao Preste e não bem.

Ha alli terras muito chãs em algumas partes, e em outras montanhosas, e comtudo são terras fructiferas. Não ha nenhumas serras nevadas, e comtudo grandes geadas, especialmente nas terras chãs. Em todas as terras ha grandes criações de gados.

Diz que não viu o rio Nilo, e chegou duas jornadas d'elle; e as jornadas que andavam eram pequenas, a saber, 4 e 5 legoas pouco mais ou menos. Porém alguns da sua companhia chegaram ao nascimento d'elle, e dizem que nasce no reino de Goyame, e o seu nascimento é em grandes lagoas, e logo em nascendo são ilhas, e d'ahi começa seu curso e vae para o Egypto.

O tempo que o Nilo no Egypto enche é (segundo dizem) de 25 dias de setembro por diante, e em todo outubro, e a razão d'isto é porque o inverno de Ethiopia começa do meiado de junho, até meiado de setembro, e pelas muitas chuvas que ha n'elle, sem nunca se mudar este inverno, enche o Nilo no Egypto n'este tempo.

É costume geral no Preste João, não passar nenhum homem a cavallo por diante da egreja, mas antes que cheguem a ella se apeiam, e assim passam, e as encavalhaduras levam pelos freios, e depois de passarem cavalgam.

Quando caminha o Preste João e toda a gente, o altar e a pedra d'ara em que se diz missa vãe tudo em collos de clerigos como leito; e vão clerigos com cada altar, oito revezando-se a quatro e quatro, e diante d'elles vãe com thuribulo um clerigo, e mais adiante um zagonay com campainha tangendo, e toda a gente se afasta do caminho, e os de cavallo se apeiam e fazem reverencia á pedra d'ara ou altar.

Vinho de uvas não ha alli mais de duas casas em que se faça publico, a saber, em casa do Preste João e em casa do patriarcha Abuna Marcos, e se algum outro se faz é escondido. E o vinho com que se diz missa em todas as egrejas e mosteiros se faz d'esta maneira: Tomam passas de uvas que tem guardadas nas sacristias, e deitam-n'as dez dias em môlho, ellas incham, e deixam-nas enxugar e pizam-nas em um panno, e com aquelle vinho que sáe dizem missa.

Os cavallos naturaes da terra do Preste João são muitos, e não bons, porque são como bestas gallegas, os que vem d'Arabia são muito bons, como mouriscos, e os do Egypto muito melhores, grandes, muito largos e formosos; e muitos senhores criam cavallos das egoas que tem do Egypto em suas estrebarias, em esta maneira, a saber: como nascem não mammam mais de tres dias da mãe, e as mães cavalgam-n'as logo, e os filhos poldrinhos prendem um pouco afastados das mães; tem-lhes muitas vaccas de leite e dão-lh'o a beber. »

AS AVES DE RAPINA

Os naturalistas, classificando as aves em seis ordens, deram o primeiro logar ás de rapina ou rapinantes, que assim chamâmos a todas as que são carnivoras, ou se alimentam de carne, que seguram a preza com as garras de um pé, e a devoram sustidas no outro.

Tem estas aves por caracteristico da sua rapacidade o bico recurvado e as unhas ganchosas. A aguia é a soberana d'estas ladras sanguinarias. Por isso os romanos, quando sairam do seu Lacio a conquistar e roubar os estados alheios, tomaram a aguia por insignia das suas bandeiras. Quando o christianismo triumphou do paganismo, o imperio largou a aguia para arvorar a cruz. Logo que Bonaparte se fez Cesar, alou outra vez a aguia nos pendões da França. Sumiu-se depois por algum tempo, e actualmente lá está outra vez de azas estendidas. Em a aguia abrindo o bico, temos conquista ou rapina certa. Assim o diz a historia natural.

D'esta numerosa ordem, pois, das aves de rapina, tiraram os homens as que mais proprias lhes pareceram para as ensinarem a caçar as outras; e foi esta a origem da falcoaria, sob cuja denominação a venatoria (arte da caça) comprehendeu o falcão, o açor, o gavião, o milhafre e outros mais.

Algumas d'estas aves de rapina se domesticaram para a caça de altaneria, no tempo em que não havia

polvora, e por luxo e gosto se conservou depois por muito tempo. Hoje é coisa quasi obsoleta.

Havia d'antes no paço um falcoeiro-mór que entendia na falcoaria real, repartição em que se gastava muito dinheiro. Além de regimentos especiaes, a ord. do reino l. 5. t. 88 «prohibe que pessoa alguma, de qualquer qualidade que seja, cace ou mate perdizes com açor, gavião, armadilha ou a corricão [1], na coutada nova da cidade de Lisboa, que começa na estrada que vae para Bemfica, d'ahi a S. Marcos, e de lá a Oeiras até ao mar.»

Nas falcoarias reaes havia muitos açores e gaviões, além de outras rapinantes.

Diogo Fernandes Ferreira, pagem de D. Antonio, prior do Crato, publicou, sendo já velho, uma curiosa *Arte da caça da Altaneria*, em 1616, repartida em seis partes: 1.ª — da criação dos gaviões e sua caça; 2.ª — dos açores e sua caça; 3.ª — dos falcões e das armadilhas; 4.ª — da passagem e peregrinação da sua caça; 5.ª — das suas doenças e mesinhas; 6.ª — aves. Com uma advertencia dos vocabulos d'esta arte e da significação d'elles.

Ahi diz, fallando de Portugal:

«Os nossos reis e principes foram mui grandes caçadores, e sempre se usou geralmente pelos nobres d'este reino, e tanto que até os religiosos e conegos tinham açores, e a gente vulgar gaviões, dos quaes entravam cada anno n'este reino mais de trezentos, e não faltava, a quem os vendia, compradores, nem aos senhores homens expertos que os soubessem servir. Durou este passatempo tão justo até ao tempo del-rei D. Sebastião, no qual acabaram todos os senhores a esta caça affeiçoados e os homens praticos n'ella, e a altaneria juntamente com elles.»

E n'outra parte:

«As aves de rapina são aquellas que se mantem de aves vivas que ellas, voando, caçam para sua comida. As estimadas dos grandes senhores são falcões, açores, gaviões, esmerilhões e ogeas. Estas são as mais limpas e nobres, e d'ellas usam os principes em sua caça. A natureza as fez differentes de todas as mais aves; em os dedos das mãos da banda debaixo lhes creou uns nós nervosos, como verrugas, da côr dos mesmos dedos, e a cada um d'elles os deu conforme o seu tamanho, o que fez para que assim tivessem força para sustentar aquellas prezas que aferrassem, e se lhes não fossem. Estas de tal maneira tem aferradas as ralés que tomam, que é necessario engenho e muita força para lhes tirar a preza.»

Do açor, do gavião, do francelho, da aguia grisalha de França, e do milhafre, de Africa, trataremos hoje, porque são esses os que estão desenhados na gravura que apresentâmos.

O açor é a maior de todas as aves de rapina, á excepção da aguia. O macho tem 48 centimetros de comprimento, e a femea 60. Tem os pés amarellos, com tres dedos anteriores e um posterior; as pernas, propriamente taes, são emplumadas até á articulação; o bico negro, curto e mui revolto: a lingua bifendida, os olhos amarellos e as sobrancelhas brancas. A plumagem da parte superior do corpo é escura, e a da parte inferior branca, tendo algumas ondulações ou listas atravessadas de côr parda. As remiges, ou pennas das azas, são escuras, com pintas brancas pela parte interior.

As rectrizes, ou pennas da cauda, são pardas, tem pela banda de dentro algumas pintinhas brancas, e terminam todas n'uma orla egualmente branca.

Ao açor femea chamam os caçadores prima, e ao macho terçó, naturalmente por ter menos um terço de comprimento que a femea; o que é geral em todas as aves de rapina.

[1] Com os cães de correr, perdigueiros.

Ha açores em toda a região comprehendida entre a Suecia, a Persia e o norte d'Africa; por isso deram o nome ás ilhas que temos no oceano Atlantico. É ave sombria, inquieta, cruel e sanguinaria. Tem um piar rouco, estridente e sinistro. A sua ralé (as aves que lhe servem de pasto) consiste principalmente em perdizes, gallinhas, pombos, rolas etc.

Esta ave, depois do falcão, era algum dia a mais estimada em Portugal, Hespanha e outros paizes da Europa, para a caça de altaneria, e custava caro.

Aos açores creados por seus paes nos bosques, chamam os caçadores, sáfaros, e aos criados nos seus ninhos pelo homem, ninhegos.

Servem os açores para caçar perdizes, garças, grous, patos e pombos bravos, cysnes, e as mais aves da sua ralé. Nós temos um proverbio que diz: «Em janeiro nem galgo lebreiro, nem açor perdigueiro.»

O gavião é pouco maior do que o pombo. Tem 33 centimetros de comprimento, e 65 de envergadura (de aza a aza). As femeas são maiores. A plumagem é côr de castanha com malhas negras. Tambem os ha brancos, mas são muito raros.

Tem a cauda larga e formosa, as azas grandes e mui rijas, as unhas longas e negras, o bico de papagaio, os olhos claros e mui vivos.

Ha gaviões em toda Europa; mas no estio desapparecem completamente. Na primavera e no outono é que sáem dos seus escondrijos. A carne do gavião em quanto novo é boa para comer. A sua ralé pouco differe da do açor.

O citado auctor da classica *Arte da caça de altaneria* tem um capitulo especial a respeito do gavião, no qual conta com graça o que passára com um fidalgo citreiro do seu tempo, por estas palavras:

«O marquez de Ferreira D. Francisco Manuel, grande caçador de gavião, que sempre d'elles tinha muitos, assim ninhegos como sáfaros, mandava pôr estes em uma alcândora [1] que na sala tinha, sem caparões [2] na cabeça; e este senhor, com uma perna de gallinha na mão os convidava; e se algum dos sáfaros mostrava boa condição, lhe dava de comer na alcândora em que estava; e assim algum bem acondicionado amansava, que os mui bravos acabava [3] todos. E sendo eu moço lhe ouvi dizer algumas vezes: Ferreira, não se ha o homem de cançar muito com o que custa pouco. Porque eu, ás vezes, lh'os levava tomados com armadilhas. Os que lhe escapavam procedia com elles treinando-os [4] a miude, e costumava dizer, que nenhuma coisa mais os amansava que treinal-os. Cada um caçador tem sua opinião; nos gaviões póde-se soffrer este modo, que custam pouco, mas nos açores estrangeiros não, que custam muito, e morrem depressa sendo assim tratados.»

Temos um rifão que diz: «Do gavião maneiro se faz o sáfaro, e do sáfaro o maneiro, segundo a tempera do citreiro». [5]

O francelho é uma especie de gavião. Tem de comprimento 40 centimetros, e de envergadura 80. A plumagem é cinzenta; o iris amarello, e o bico pardo. A femea tem alguma differença na côr: a cabeça é ruiva, assim como a cauda com umas dez listas pretas.

São da sua ralé os arganazes, perdizes, pombos e muitas outras aves. O francelho é animoso na caça, mórmente as femeas; é facil de ensinar, e por isso fez sempre parte da volateria.

[1] Era o poleiro onde prendiam as aves de caçar.

[2] Caparão era a carapuça com que tapavam os olhos ás aves de caçar, para estarem quietas.

[3] Matava.

[4] Treinar vem a ser dar-lhes a comer das aves da sua ralé, para os costumar a caçar aquella especie.

[5] Citreiro se chamava ao criador e demesticador das aves de caçar, cuja arte se denomina citraria ou de volateria.

Esta ave é mui commum em todo o norte da Europa, d'onde emigra para o meio-dia logo que principia a gear, regressando na primavera. É de todas as aves de rapina a que se aproxima mais do povoado, chegando a entrar nas habitações em busca da preza. Vêem-se muitas vezes andar revoando pelo pé dos pombaes e capoeiras. Temos um adagio que diz: «Nunca bom gavião de francelho que vem á mão.»

A aguia grisalha de França é vulgarissima n'aquelle paiz, onde lhe chamam *João Branco*, por ter alvissimas as pennas do ventre, as debaixo das azas e da cauda. Esta ave parece formar a mediania entre a aguia e o tartaranhão. Tem de comprimento 55 centimetros, e de envergadura 1 metro e 65 centimetros. A plumagem é cinzenta, pela parte superior, com pintas ruivas. Tem os olhos amarellos, as pernas azuladas e cobertas de escamas.

Não voa tão alto como a aguia real, e ferra a preza mais em terra que no ar. A sua ralé consiste de preferencia em gallinhas, por isso frequenta muito os casaes e granjas; mas tambem caça as perdizes, codornizes e outras aves menores; na falta d'ellas, deita-se aos coelhos, ratos do monte, cobras, lagartos, etc.

O milhafre da Africa, a que os francezes chamam *blac*, tem 35 centimetros de comprimento. A plumagem do dorso é cinzenta, por baixo branquissima, e as pontas das azas negras. A cauda é bifurcada, o bico e as unhas pretas, os olhos vermelhos e os pés amarellados. A sua ralé é de insectos. Tem muito animo e ferocidade, da qual se temem até os corvos, os milhanos e outros menores que elle.

Para outra vez fallaremos do falcão.

ORIGEM DA LOTERIA DA MISERICORDIA

(Vid. pag. 260)

Eis o que allega o intendente Manique para se conceder uma loteria á Casa Pia.

«Lembrei-me de pedir uma loteria, obrigado não só d'isto, mas tambem para me remir d'essa despeza, e poder assistir áquelles importantes objectos da Casa Pia, que tenho referido a v. ex.ª, a qual me foi offerecida no principio do estabelecimento da mesma casa, vindo á minha, enviado por seu pae e de ordem de Sua Magestade, D. Diogo de Noronha, hoje embaixador em Hespanha, com a copia do decreto em que Sua Magestade mandava fazer uma loteria, que eu não quiz acceitar por temer que não houvesse extracção aos bilhetes, nem querer comprometter-me e expor-me; e então é que foi dada a mesma loteria á Misericordia de Lisboa, que é a que tem hoje, e faz todos os numeros.

«Faz-se outra no Porto, que Sua Magestade facilitou á Misericordia d'aquella cidade e ás Convertidas do Rego; em uma e outra se disputa no povo a preferencia dos bilhetes, e ha as desordens que a v. ex.ª são presentes, chegando a tanto a paixão do mesmo povo, que ha presentemente uma grande extracção de avultadas sommas de dinheiro de contado de Portugal para Inglaterra, Hollanda e Hislandia, para se tirarem bilhetes nas suas loterias, não esquecendo acceites de estrangeiros para melhor convidarem os vassallos de Sua Magestade a espalhar em Lisboa e no Porto o plano das mesmas loterias que passo ás mãos de v. ex.ª, a qual extracção talvez se evite de algum modo, havendo a loteria que suppliquei.

«Agora queira v. ex.ª representar a Sua Magestade, se os corpos pios são para conservar nos cofres extagnados avultadas sommas, e para aggregarem a si propriedades territoriaes além d'aquellas da sua fundação, e para soffrer com indifferença verem perecer os vassallos de Sua Magestade por não terem os soccorros que a Casa Pia lhes subministra, sem esta ter outros fundos mais do que a economia com que satisfaço os objectos de limpeza e calçadas a que está adistricta a contribuição.

«Devo prevenir a v. ex.ª que Sua Alteza por sua alta clemencia e piedade, foi sensivel em assentir á concessão da mesma loteria, que assim m'o declarou o ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e agora me dizem que pára o decreto no gabinete do mesmo senhor, e que ha quem suscite se não verifique esta graça, tomando por fundamento, para olvidal-a e confundil-a, dizer que é applicada á casa da opera que estão fazendo os contratadores do tabaco.

«É bem certo que eu prestei o meu consentimento para a factura da mesma casa, obrigando o rendimento que podesse ter ao arrendamento d'ella com o das casas que ao pé se edificam para o pagamento, com mais dois mil cruzados annuaes, que principiariam a correr do anno successivo áquelle em que a sobredita casa principiasse a ter exercicio, ficando a propiedade da dita casa e das que ao pé se edificam, á Casa Pia, sendo as primeiras razões que me obrigaram a condescender, não haver em Lisboa um theatro decente, pois os dois que ha são como v. ex.ª não ignora, não só pela construcção d'elles, mas pelas más entradas e serventias, e por estarem expostos os espectadores aos acontecimentos do azar, como ultimamente succedeu no theatro de Saragoça, aonde pereceram mais de seiscentas pessoas, por causa do incendio que houve no mesmo theatro, e tem acontecido em outros da Europa.

«V. ex.ª não ignora que todas as côrtes da Europa, principiando pela de Roma e acabando na da insignificante republica de Luca, tem seus theatros, e a maior parte d'ellas, não se contentando só com um, tem tres e quatro, o que não só faz parte do ornamento e sobrescripto das grandes cidades, mas auxiliam a policia, e esta se serve d'elles muitas vezes, segundo as circunstancias, ou para metter em ridiculo alguns dos costumes arreigados no povo, ou para promover as acções heroicas, e instruir o mesmo povo na cega obediencia á seus principes, sendo estes os fructos, além dos mais que deixo á ponderação de v. ex.ª, que a policia póde tirar dos referidos theatros.

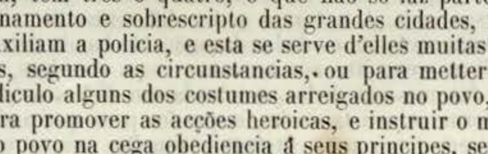
«Tambem desejo que v. ex.ª medite, se depois que um ministro de estado, que é a voz do principe, ter declarado estar feita esta graça, e se divulgar na côrte, é decente ficar sem effeito.

«Desculpe-me v. ex.ª o incommodo que vou dar-lhe, mas a tortura em que estou é que me obriga a fazer-lhe esta supplica de representar ao Principe Nosso Senhor todo o referido, para vir a saber o que ha na sua verdadeira luz.

«Lisboa, 25 de janeiro de 1793. — Ill.mo e ex.mo sr. Martinho de Mello e Castro — O intendente geral da policia, *Diogo Ignacio de Pina Manique*.»

Para bem se entender hoje este curioso documento, é necessario que lhe façamos algumas annotações.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.